

ORIXÁS: A RETOMADA DAS RAÍZES AFRICANAS ATRAVÉS DA TRADIÇÃO RELIGIOSA DOS ORIXÁS EM OLIVEIRA SILVEIRA

Edimilson de Almeida Pereira¹
Andressa Marques Pinto²

RESUMO

O Projeto “Viagens por outros mares: diáspora africana e seus mapas literários” integra-se, de modo geral, aos núcleos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Teoria da Literatura e Identidade Cultural do Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. De modo particular, se insere em um projeto integrado de pesquisa intitulado “A questão identitária: mediações literárias e tradutórias”, registrado no CNPq. A presente etapa do Projeto atende ao seguinte objetivo: destacar e analisar os aspectos da produção poética em língua portuguesa que, a partir da segunda metade do século XX, vêm contribuindo para estabelecer um mapa estético cujos referenciais são a diáspora africana e as sociedades pós-coloniais da África e das Américas. No presente trabalho, analisamos o livro *Orixás*, de Oliveira Silveira, no intuito de apontar as relações existentes entre a poesia, a pintura e as notas etnográficas presentes na obra, fato que colabora para torná-la multifacetária. Além disso, nossa análise ressalta o modo de ver o mundo, na perspectiva dos afro-brasileiros herdeiros da cultura iorubá.

Palavras-chave: Literatura. Diáspora Africana. Identidade Cultural. Oliveira Silveira.

INTRODUÇÃO

Percebemos nas mais variadas culturas diferentes formas de interpretar o mundo e a existência humana. Poderíamos cogitar que quantas línguas houver tantas serão as interpretações acerca da realidade que nos cerca.

Ao serem contrastadas, as diversas culturas revelam o modo peculiar com que o homem se relaciona com a realidade em que está inserido, desvelando sua maneira de interpretá-la e organizá-la. Aqui nos interessa uma dimensão específica dessa relação, a dimensão do sagrado, que é “a categoria pela qual a cultura denota sua peculiar interpretação do homem e do mundo” (AUGRAS, 2008, p. 17). Podemos

1 Professor Orientador - Departamento de Letras, Faculdade de Letras, UFJF, e-mail: setefalas@yahoo.com.br. Endereço: Campus Universitário, Faculdade de Letras, Bairro Martelos, Juiz de Fora, Minas Gerais

2 Bolsista BIC/UFJF

fazer tal afirmativa, pelo fato de que nem todos os elementos ou objetos existentes são tomados como sagrados, mas somente aqueles que são sentidos como tal.

Para o homem religioso, aquele que sente a manifestação do sagrado, o espaço não é homogêneo, há a existência do espaço sagrado e do não sagrado, aquele é real, fixo, enquanto este é inconsistente e informe. Assim, o espaço sagrado aponta a fixidez de que o homem precisa para o estabelecimento de uma origem do mundo. Dessa maneira, a manifestação do sagrado não só revela a relação estabelecida entre o homem e o mundo, mas também funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro” (ELIADE, 1992, p.17).

Nessa perspectiva, o mito desempenha papel essencial na existência humana, uma vez que é ele que carrega todo o significado do sagrado, é ele que conta como tudo começou, como um espaço homogêneo e infinito transformou-se em realidade, enfim, como do caos deu-se o cosmos.

O mito é geralmente uma narrativa da criação, que discorre sobre a origem de qualquer situação. O mito trata de explicar a realidade contraditória na qual o homem está inserido. Segundo Augras (2008, p. 18):

Em vez de elaborar um sistema abstrato e lógico do mundo, o mito testemunha a presença desse universo estranho, contraditório, regido por Potências cujos desígnios são ambíguos, mas cuja vontade é soberana, expressar este mundo – e aqui desponta o sentido original da palavra *mythos*, “o dito” – é anunciá-lo em todas duas contradições, em toda sua estranheza.

As diversas religiões partem do mito para constituírem o rito, que seria uma reatualização daquele; é a partir do rito que a história de deuses ou de heróis, modelos para os homens, é lembrada. Sendo assim, a religião seria “o conjunto do sistema de significações, incluindo os modelos de comportamento que dela decorrem, enquanto os *fenômenos religiosos*, serão a manifestação concreta desse sistema” (AUGRAS, 2008, p. 17-18).

Mito e rito são, então, essenciais no campo religioso, na medida em que aquele expressa a forma com que o homem vê a si e ao mundo que o cerca e este desempenha o papel de atualizar e reviver esse modo de ser e ver.

É nessa perspectiva que analisamos o livro *Orixás*, de Oliveira Silveira. Na pesquisa, buscamos aflorar a relevância da escolha do tema do livro, que dá título ao mesmo, que retoma um modo específico de ver o mundo, o modo de ver dos iorubás, como forma de retorno às raízes africanas. Para tanto, fazemos uma breve retomada da trajetória poética de Oliveira Silveira, situando-o como poeta negro de uma poesia engajada, que busca afirmar uma identidade negra e gaúcha e investigamos a importância do mito para a constituição da obra supracitada.

METODOLOGIA

O Projeto “Viagens por outros mares: a diáspora africana e seus mapas literários” pretende fazer, no contexto de produção da poesia nacional contemporânea, um mapa estético das poéticas que, por conta de demandas sociais específicas, dialogam com referenciais da diáspora africana das sociedades pós-coloniais, das Américas e da África.

O poeta contemplado nesta etapa da pesquisa, o gaúcho Oliveira Silveira, se destaca por uma trajetória de luta política, tanto no âmbito da poesia, quanto no âmbito social. Em poesia, sua luta se dá através da “utilização de recursos da literatura para promover a crítica à opressão imposta aos afro-descendentes” (PEREIRA, 2010, p. 17). Por isso, para a abordagem de sua produção poética, fizemos um levantamento biográfico e bibliográfico do autor, assim como da fortuna crítica acerca do mesmo.

Na mesma medida, dedicamo-nos a um levantamento bibliográfico de obras que contemplam temas referentes à diáspora africana, à identidade cultural e à produção literária no contexto pós-colonial afro-americano. Dedicamo-nos, especialmente, ao estudo das religiões brasileiras de origem africana, uma vez que a obra de Oliveira Silveira eleita para a nossa investigação contempla a mitologia iorubá. Para tanto, nos foram de fundamental importância autores como Monique Augras, Reginaldo Prandi e Norton F. Corrêa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A abolição da escravatura, no contexto brasileiro, não significou a inserção social do negro. Muito pelo contrário, os negros foram lançados à marginalidade, o que somente contribuiu para que estereótipos (o negro é malandro, preguiçoso, ladrão), ainda existentes na sociedade, fossem reforçados. A manutenção de estereótipos, do preconceito racial e da desigualdade social, por vezes dissimulados, passando uma falsa impressão de igualdade racial, faz com que o trabalho do intelectual negro seja árduo (GONÇALVES, 2010). Como aponta Gonçalves (2010, p. 146), “será necessário que, antes de mais nada, esse intelectual autodefinha-se para, aí sim, definir seu papel dentro da sociedade”. E é essa busca que marca a trajetória poética de Oliveira Silveira.

Em seu primeiro livro, *Germinou* (1962), percebemos um *eu enunciador* que reivindica uma identidade própria, a identidade negra, e chama os seus à luta: “Lapidemos também nossa garganta / Não podemos calar se temos voz” (SILVEIRA, 1962, p. 5). Em seu segundo poemário, *Poemas Regionais* (1968), tal reivindicação continua, agora na busca por uma identidade negra e gaúcha.

O poeta evoca aqui elementos relacionados a sua região de origem: o Rio Grande do Sul. Verificamos, assim, a utilização de um vocabulário típico da região: pampa, minuano, chimarrão, boleadeiras e ponche são alguns dos elementos tipicamente gaúchos presentes nessa obra (GONÇALVES, 2010, p. 147).

Posteriormente, em *Praça da Palavra* (1976), a trajetória identitária do poeta se dá sob uma nova perspectiva, uma vez que os problemas sociais brasileiros, de modo geral, a pobreza, a fome e a discriminação, não somente racial, mas também social, figurem dentre os temas abordados pelo poeta:

Que fazia aquele favelado
Na praia de Copacabana
Fitando à esquerda o Pão de Açúcar
Com fome e amargura
Vendo à direita o Velho Forte
Ele, tão novo e fraco?
(SILVEIRA, 1976, p. 15)

Em 1977, com a publicação de *Pêlo escuro*, como aponta Bernd (1992), o poeta “atingirá pleno domínio de uma vertente por ele chamada afro-gaúcha” (BERND, 1992, p. 126), contemplando a trajetória do negro no estado do Rio Grande do Sul, desde a tomada de consciência de sua condição de negro até a sua participação social.

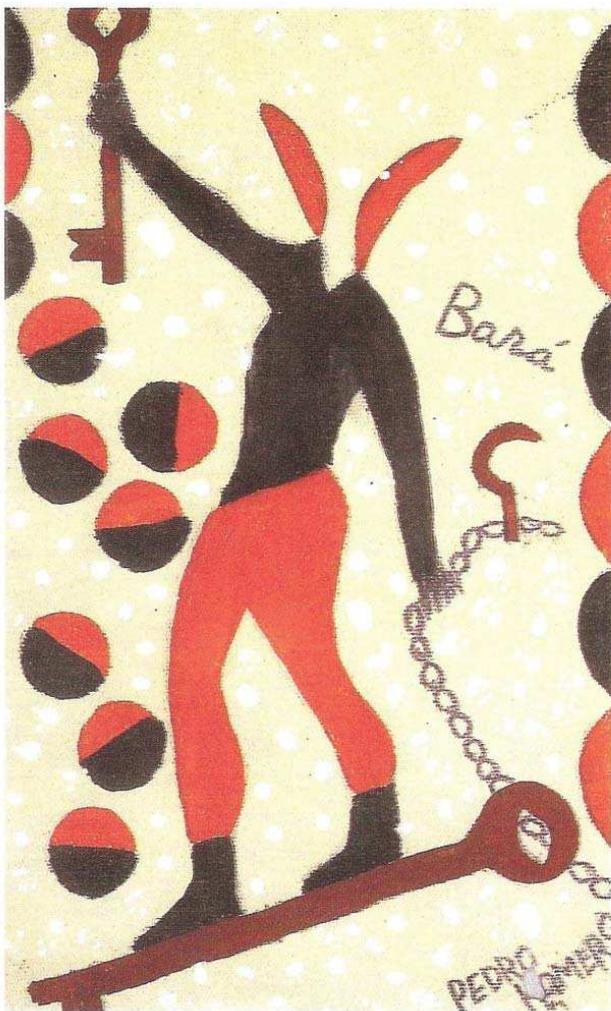
No sul o negro charqueou
Lavrou
Carretou
No sul o negro remou
Teceu
Diabo a quatro
O negro no sul congou
Bumbou
Batucou
A negra no sul cozinhou
Lavou
Diabo a quatro
No sul o negro brigou
Garreou
Se libertou
Quer dizer: ainda se liberta
De mil disfarçadas senzalas
Prisões
Diabo a quatro
Onde tentam mantê-lo agrilhado (SILVEIRA, 1977, p. 4).

Em *Poemas sobre Palmares* (1987), um longo poema de grande refinamento poético, Oliveira Silveira relembra a história do Quilombo dos Palmares, sua fundação, luta e conquista pelos portugueses, sendo apontado como símbolo de luta e resistência.

Contudo, além do aspecto engajado, a poética de Oliveira Silveira nos permitiu elaborar uma análise que explicita o refinamento estético de sua obra e sua inserção no amplo painel das linguagens literárias que vêm sendo geradas no espaço da diáspora africana no mundo contemporâneo. Para evidenciar tal refinamento, a análise de seu último livro, *Orixás*, se fez pertinente.

Publicado em 2000, o livro *Orixás* é composto por doze poemas, cada um dedicado a um orixá. Além dos poemas, o livro é composto por reproduções de telas pintadas por Pedro Homero e notas etnográficas (Figura1). Tal peculiaridade faz com que a obra em questão seja multifacetária: poemário, “catálogo” de pintura e livro etnográfico.

BARÁ



NO CAMINHO DA CASA-DE-NAÇÃO

Vinham pelos caminhos,
ruas e encruzilhadas
abertos por Bará
antes da oferenda do galo, do milho
ou do cabrito quatro-pé.

Vinham pelos caminhos
atendendo ao chamado de um tambor
que bate dentro de seus próprios peitos:
tuc-tuc-tuc.

Vinham pelos caminhos
— pele magnética —
atraídos ao ímã ancestral.

Vinham
— caules decepados
nutrir-se nas raízes.

Bará é o dono dos caminhos e dos *cruzeiros* (encruzilhadas). Simboliza o movimento. Dependendo de como for tratado, ele pode *fechar* ou *abrir* os caminhos das pessoas. Existem Barás de dois tipos básicos: o da rua e o de dentro de casa. Da rua, os mais cultuados são o Lodê e Lanã; dentro de casa, o Adague (do *seco*) e o Jelu ou Ajelu (da *praia*).

Simbolos : chave, foice, corrente de ferro; em sua oferenda colocam-se moedinhas. **Animais**: galo vermelho velho, cabrito escuro novo, desde que com chifres, e pombo escuro. **Vegetais**: fumo, quebra-tudo, cravos vermelhos. **Casa com**: Lodê e Obá, Oiá, Jelu e Oxum Pandá. **Cor**: vermelha. **Colar**: corrente de ferro. **Saudações**: Alu-pô. **Número**: 3, 7 ou múltiplos de 7. **Caracterização**: movimento. **Barás mais conhecidos**: Lodê, Jelu, Lanã, Adague, Abanadá, Bi, Bô. Alguns filiados incluem nesta lista Tiriri, que outros dizem que é um exu. **Sentamento**: pedras basálticas.

Figura 1 - No caminho da casa-de-nação. Fonte: OLIVEIRA, 2000, p. 3.

A temática é o ponto de convergência entre as três faces que compõem o livro. Porém podemos de cada uma dessas faces fazer reveladoras leituras. As pinturas de Pedro Homero são de evidente refinamento estético. Cada orixá é representado com suas cores, seus instrumentos representativos e seus elementos de culto. Além disso, nenhum deles possui representação antropomorfa, o que aponta para a importância de romper com as equivalências feitas ao longo da história entre orixás e santos católicos, afirmando, assim, a especificidade da tradição africana.

As notas etnográficas nos revelam que, além da importância da informação por elas passada, há a necessidade de explicar, de explicitar os costumes e tradições que envolvem a religião dos orixás, que são pautados nos mitos, presentes tanto nas pinturas, quanto nos poemas que compõem a obra em questão.

O mito permeia toda a obra e, como aponta Prandi (2008, p. 5-6),

são os mitos que falam dos orixás e de todo o resto. Eles mostram que orixá é natureza, é o vento, a trovoadas, o raio. [...] mitos servem para explicar. Falam por símbolos e enigmas, por imagens e parábolas, revelando e escondendo. Como espelhos mágicos os mitos refletem a face dos orixás e podem mostrar a nossa própria cara.

O poeta, por sua vez, é o “afiador de palavras” (PRANDI, 2008) que, através do labor com o verbo, revela o mito e “no afiar das falas embotoadas do mito, ele tira a brilhante lâmina do rosto humano do orixá que ainda corta o tempo. Aí ele começa a falar do mundo, de tudo, do resto. Ele fala de si e de nós” (PRANDI, 2008, p. 7). Percebemos, então, que o poeta desempenha o importante papel de buscar suas raízes no mito, vertê-lo e, assim, mostrar a face do orixá, que é a face dos homens.

Tal processo se inicia, em *Orixás*, com o poema “No caminho da casa-de-nação”, em que Bará (Exu), o orixá mensageiro, feito decano dos orixás por Olodumare (o Ser Supremo), por respeitar o *euó* (o tabu), e que por isso é sempre reverenciado em primeiro lugar, abre os caminhos para o povo da casa-de-nação nutrir-se em suas raízes ancestrais:

Vinham pelos caminhos,
ruas e encruzilhadas abertos por Bará
antes da oferenda do galo, do milho
ou do cabrito quatro-pé.

Vinham pelos caminhos
atendendo ao chamado de um tambor
que bate dentro de seus próprios peitos:
tuc-tuc-tuc.

Vinham pelos caminhos
– pele magnética –
atraídos ao ímã ancestral.

Vinham
– caules decepados
nutrir-se nas raízes (SILVEIRA, 2000, p. 3).

A manutenção das raízes africanas através da religião também é expressa no poema “Batuque”:
“Puxaram o corpo cá pra longe / mas a alma espichou / e as raízes crisparam-se lá / e o caule é este tambor / e a seiva, este som cratera / que a gente vai fundo buscar” (SILVEIRA, 2000, p. 6).

O poema “E Xapaná!” é representativo do que poderíamos chamar, na obra em questão, de poema-prece, uma vez que, através da poesia, o *eu enunciador* roga a Xapaná (Obaluaê), o orixá da doença infecciosa, conhecedor de seus segredos e sua cura, que proteja seu povo e sua tradição, não somente das doenças, mas de todos os males, de tudo que ameace o esvaziamento cultural, ou seja, que se rompam as raízes com a terra-mãe:

[...]
Eh Xapanã:
Todas as nossas
reverências,
Todo o respeito
saudação.[...]
Olhe em redor
E vê:
é invasão
do chão sagrado
do ilê.[...]
Poupa tua gente,
vira pra lá
Essa corrente
de mazelas.
Livra teu povo
iorubá,
o jeje e outros
que há.
Ninguém se fira com tua ira,
Xapanã.
Tu és nosso,
mantém a raça
sã (SILVEIRA, 2000, p. 4).

Por fim, há também em *Orixás* a marca da identidade negra-gaúcha, tão presente na obra de Silveira. Representativo desse aspecto é o poema “No mapa”, que aponta para a expansão da religião africana pelo território brasileiro, inclusive pelo Rio Grande do Sul:

Pelo litoral
ficou
de Norte a Sul
nagô.
Ficou no Recife
xagô.
Na Bahia ficou
candomblé.
No Rio Grande é o quê?
– Batuque, tchê.

Filho de santo
de bombacha,
Ogum
comendo churrasco:
jeito

gaúcho
do negro
batuque (SILVEIRA, 2000, p. 10).

CONCLUSÃO

Como pudemos observar, a trajetória poética de Oliveira Silveira é marcada pela busca, delimitação e reivindicação pelo reconhecimento do papel do negro, sobretudo no Rio Grande do Sul. Em *Orixás*, tal labor não cessa. A retomada das raízes africanas através da tradição religiosa dos orixás se constitui no esforço em buscar no mito, na explicação ancestral do mundo, as respostas e os caminhos para uma luta que ainda não foi vencida, o reconhecimento do devido mérito do povo africano que, “decepado” de sua terra, encontrou em sua nova morada meios de “nutrir-se nas raízes”.

ORIXÁS: THE RESUMPTION OF THE AFRICAN ROOTS THROUGH THE RELIGIOUS TRADITION OF *ORIXÁS* IN OLIVEIRA SILVEIRA

ABSTRACT

The project “Travels to Other Seas: African Diasporas and Their Literary Maps” integrates, in general, the research centers of the Graduate Program in Literary Theory and Cultural Identity at the Department of Languages of the Federal University of Juiz de Fora. In a particular way, this project is part of an integrated research project entitled “The question of identity: translational and literary mediations”, registered in the CNPq. This present stage of the project addresses the following objective: to highlight and analyze the aspects of poetic production in the Portuguese language that from the second half of the twentieth century have been contributing to establish an aesthetic map whose references are the African Diasporas and post-colonial societies of Africa and of the Americas.

In this study, we analyzed the book *Orixás*, by Oliveira Silveira, in order to point out the relations that exist between poetry, painting and ethnographical notes present in his work, which makes it multifaceted. Moreover, our analysis highlights the way of seeing the world from the perspective of African-Brazilian heirs of Yoruba culture.

Keywords: Literature. African Diaspora. Cultural Identity. Oliveira Silveira.

REFERÊNCIAS

- AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BERND, Zilá (Org.). *Poesia negra brasileira*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1992.

CORREÂ, Norton F. *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*. 2. ed. São Luís: Editora Cultura & Arte, 2006.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues. Vozes negras do sul: o caso de Oliveira Silveira. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre a poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazzas Edições, 2010. p.145-155.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazzas Edições, 2010.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVEIRA, Oliveira. *Poemas regionais*. Porto Alegre: Ed. Do Autor, 1968.

SILVEIRA, Oliveira. *Pelo escuro*. Porto Alegre: Ed. Do Autor, 1977.

_____. *Orixás*. Pinturas e poesias. Porto Alegre: Ed. Do Autor, 2000.